

## A CONSTRUÇÃO DE UMA CATEDRAL NOS SÉCULOS XVI-XVII.

*ALFEU DOMINGUES LOPES*

Faculdade de Filosofia de São Bento da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo.

Até há pouco tempo, quando uma cidade era agraciada com a sede episcopal, uma das primeiras preocupações era dar início a uma catedral. Uma igreja que fôsse sem dúvida a sede do bispado, mas que também pelo seu exterior, não fôsse inferior às outras, manifestando-se pela sua imponência. Isto valia sobremodo para os últimos séculos passados. Quando Montepulciano foi elevada à sede episcopal, em 1561, uma das primeiras preocupações foi dar-lhe uma digna catedral. Assim já lemos no documento da criação da diocese. O nôvo bispo devia dar à antiga igreja uma estrutura de catedral (1). Mas esta missão não era fácil. Montepulciano trabalhava incansavelmente na construção do templo votivo de São Biagio, desde 1519, e apenas agora chegava ao fim. Dera-se ainda início a outra igreja votiva em honra de São Roque, e, fora da cidade, acabava-se de edificar aquela de Santa Maria delle Grazie. O povo parecia estar cansado. O fato é que, durante os primeiros vinte anos do episcopado de Spinello Benci, primeiro bispo de Montepulciano, não encontramos um passo dado, para a ereção do nôvo duomo da cidade. Quando, o visitador apostólico em 1583, viu a antiga igreja denegrida pelo tempo e deu ordem de repará-la, foi-lhe dito que talvez em breve, fôsse destruída e reedificada em proporções mais elegantes e amplas. Contudo não viu nada realizado neste sentido (2).

---

(1). — Arquivo Capitular de Montepulciano, Processus Sinolphi Benci (1597), *Schedula Ereccionis Diocesis*: "... qui dictae Ecae. praesit (epus) et illius structuram si opus sit ad cathedralem formam redigat".

(2). — Arquivo Secreto Vaticano; Arquivo Sagrada Congregação do Concílio: *Visitatio Civitatis et Diocesis totius Montis Politiani facta per Ill. mum. ac Rev. mum. DD. Angelum Perutium, episcopum Sarsinat. et comitem ac Visitatorem Apostolicum Generalem*: é um volume de 129 fôlhas, fertilíssimo em notícias sobre todos os lugares da Diocese. Cfr. f. 10-10v — "Et licet dictum fuerit quod Eca.

A nova catedral devia surgir indiscutivelmente no centro da cidade e formar junto com o Palácio Comunal, o palácio Nobili e o palácio Del Monte, os quatro lados da magnífica praça, que é hoje o orgulho do passado histórico de Montepulciano. O ameado Palácio Comunal de 1400, situado no ponto culminante, simbolizava o típico mundo medieval. Os palácios Nobili e Del Monte ostentavam em pleno vigor e pujança a idade do Renascimento. Era necessário que surgisse ali também um outro edifício, que nos manifestasse a fé intrépida e empreendedora dos antepassados. Destruir a antiga igreja que ali se achava, era o plano preferido por todos. A veneranda igreja de Montepulciano, que desafiara tantos séculos estava destinada a desaparecer. Mas sua memória não se perdeu por completo, procuremos reconstruí-la.

### 1. — A ANTIGA IGREJA MATRIZ DE MONTEPULCIANO.

Os primeiros documentos, que nos falam da igreja de Montepulciano, *Sancta Mater Ecclesia in Castello Politiano*, são dos anos 714-715, em uma controvérsia entre os bispos de Sena e Arezzo, sobre a posse de algumas igrejas. Outros documentos posteriores, 793 e 806, pertencentes à abadia do Monte Amiata e escritos sob os reis carolíngios, nos conservaram igualmente a memória da igreja mãe do Castelo de Montepulciano (3). Não temos prova absoluta para afirmar que a igreja colegiada de que nos ocupamos, seja idêntica àquela do século VIII, mas também não é impossível, pois trata-se da igreja principal do lugar, e o Visitador Apostólico em 1583 achou-a em estado que demonstrava antiguidade. O Visitador Angelo Peruzzi faz nesta ocasião uma descrição completa desta igreja, a qual nos permite aproximadamente reconstruí-la. Não era muito grande, pois o Pe. Estrada quando pregava em Montepulciano, no ano de 1539, vendo o concurso de povo, resolveu pregar na igreja de São Francisco, por ser maior do que a igreja Matriz:

“Despues, molestado de muchas principales personas, me huve de pasar a San Francisco, que es un monastero de frailes, mas capaz de gente que non el domo” (4).

---

*ipsa forsitan in brevi destruetur et reaedificabitur in ampliori et elegantiori forma, tamen non audivit neque vidit quod hactenus aliqua fuerint praeeparata pro Eca. huiusmodi reparanda aut restauranda”.*

(3). — Bruzichelli Pasquale: “Un Comune toscano nel Médio Evo: Montepulciano” (Tesi di Laurea, Univ. di Pisa). pág. 20-23: Comenta êstes documentos os mais antigos sobre Montepulciano. Êstes documentos se encontram publicados em F. Brunetti “Archivio Diplomat. Toscano”, v. cap. I.

(4). — MHSJ Ep. Mix. I, 21 (Matriti 1898): Franc. Strada a S. Ignazio (M. giugno 1539).

Era pois menor do que São Francisco. Possuía três naves com capelas laterais aprofundadas (5). Conforme notícia do historiador Benci, as três naves foram acrescentadas em meados do século XV, pelo Arcipreste Fabiano Benci. Contíguo à catedral achava-se o campanário, que estava junto à igreja antiga. Acompanhando as obras da nova catedral, enquanto existia a antiga, podemos descobrir a posição da antiga igreja matriz. Estava exatamente enfrente da catedral hodierna, em direção inversa à sua. Nossa afirmação é corroborada pela ordem da Grã-Duquesa de Toscana em 1612, que mandou demolir o antigo duomo para aumentar a praça (6). De que lado ficava a ábside? Do lado do Palácio Comunal ou do lado do Palácio del Monte? Ainda que tomemos por base o campanário é difícil responder a esta questão, pois podemos perguntar mais uma vez, estava êle ao lado da fachada ou ao lado da ábside? As capelas laterais provavelmente eram seis de cada lado, servindo uma para o Batistério (7). Não estavam fechadas por balaustradas. Ao lado achava-se um cemitério segundo o costume da época sobre a qual erigiu-se o novo templo. O monumento mais insigne do antigo "Duomo" era o sepulcro marmóreo de Bartolomeu Aragazzi. Estava junto do altar de Santo Ângelo (*ad ipsum altare*) e porisso o Visitador Apostólico mandou removê-lo como indecente, e colocar em seu lugar a imagem de um santo, cujo título o altar possuía (8). Um epitáfio dizia-nos quem era Bartolomeu:

Amatori Patriae Conservatori Republicae Bartholomeo doctissimo  
apud Martinum Quintum Pontificem Maximum Consoliorum Omnium  
Participi immature absumpto posteri dedicaverunt et benemerenti.

No pedestal ainda outra inscrição:

Fidelis affinis et compatriota mihi executor fuit

D. Joannes Bartholomei anno Dni 1438 (9).

O estudioso de Montepulciano, professor Aroldo Peruzzi, tendo percorrido os volumes das *Deliberações Comunais* (em 1436-1444), afirma que o único autor deste monumento é o escultor florentino Michelozzo Michelozzi († 1472) (10). Hoje nos restam 7 grandes fragmentos deste grandioso monumento espalhados pela catedral, des-

---

(5). — S. Benci — G. Paliotti, *Storia de Montepulciano*, 1896, pág. 141.

(6). — *Ib.* 274. — A. Parigi, *notizia del Card. Roberto Nobili, degli altri illustri Poliziani e della città di Montepulciano*, raccolte da A. Parigi (Montepulciano, Fumi 1936), pág. 92.

(7). — Podemos deduzir dos onze altares laterais enumerados na *Visita Apostólica*, fls. 4-9v.

(8). — *Vis. Apl.* f. 5v.

(9). — Inscricção conservada na *Visita Apostólica* f. 5.

(10). — A. Peruzzi — *Montepulciano e le sue Opere d'Arte* p. 16-17.

tacando-se as 4 estátuas: Fé, Ciência, São Bartolomeu e a estátua do celebrado Bartolomeu que dorme o sono da paz. Dois anjos dêste importante monumento encontram-se no *British Museum* de Londres desde 1815, conservando-se dêstes, apenas duas fotografias, na sacristia. Conforme conta Benci, o sepulcro foi terminado 12 anos antes da morte de Aragazzi, segundo outros, o escultor teria entrado em litígio com os herdeiros do mencionado Bartolomeu e não chegou a terminá-lo (11). O monumento foi demolido pelo bispo Antônio Cervini, na segunda metade de 1600, quando se acabou de destruir por completo a antiga catedral, e nunca mais se pensou em reconstruí-lo.

Outras obras de arte que nos restaram da antiga igreja são: um grande *tripticum* de Taddeo di Bartolo, dedicado a Virgem da Assunção, padroeira da catedral, hoje sôbre o altar mor. Foi pintado em 1401 (12). Outra escultura memorável é aquela do sepulcro de Giacomo di Piendibeni, Arcipreste de Montepulciano e depois bispo de Arezzo, falecido, porém em nossa cidade. Mas apesar de tudo isso, a catedral não se impunha pelo seu minúsculo tamanho. Os tempos novos que Montepulciano estava vivendo, clamavam por um templo mais digno de ser a sede do bispado.

\*

## 2. — A NOVA CATEDRAL.

Spinello Benci deve ter dado o primeiro passo na construção do nôvo duomo, logo após a visita apostolólica (fevereiro de 1583), pois em 1583-1584, demoliu a sacristia e uma parte da biblioteca e começou a cavar os fundamentos das pilastras. Tinha por arquiteto um certo Valentino (13). Parece-nos estranho que Spinello tenha dado início a tão grande obra, sem pedir a colaboração de seus concidadãos. Ambicionava êle immortalizar o seu nome, à maneira dos grandes prelados de mil e quinhentos, afrontando sôzinho a ereção de um grande edifício? No ano seguinte, 1585, constrói a primeira capela de duas pilastras (14). Não cremos o nosso bispo tão ingênuo, que não ti-

---

(11). — Montepulciano, Guida Tur. Breve Storia (M. 1954) p. 47.

(12). — Veja as duas obras citadas nas duas notas precedentes: A Catedral: graças ao espírito dinâmico de Mons. Emilio Giorgi, bispo de Montepulciano, com a construção do nôvo altar mor, foi restaurada e posta em relêvo esta preciosa obra de arte da cidade policiana.

(13). — Bonelli Renato — Ippolito Scalza e il Duomo di Montepulciano (Siena 1939) p. 4. O estudo de R. Bonelli é bastante exato, baseando-se sôbre documentos, porém não cita nenhuma fonte. O mesmo estudo foi publicado pela "Bulletino Senese di Storia Patria" (1939 XVII Fasc. I.).

(14). — *Ib.* pág. 4.

vesse idealizado uma planta de acôrdo com o arquiteto mencionado. Mas êle trabalhava a sós. Sabemos que em 1º de junho de 1586 foram eleitos superintendentes da fábrica da nova catedral Guido Nobili e o abade Jerônimo Belarmino, membros de nobres famílias policianas, renunciando então o bispo à direção da nova catedral (15). Em 1586-1587, começaram-se também a recolher as primeiras contribuições, prometendo também o bispo um generoso auxílio. O problema agora era escolher a planta definitiva.

Para a solução de tão grande responsabilidade, não houve outro remédio senão recorrer à metrópole da Toscana, então a pátria do Renascimento onde se achavam os gênios da arte. O pedido foi dirigido a Bartolomeu Ammanati, que, há alguns anos atrás, erguera o colossal Netuno na Piazza della Signoria e se immortalizara na caríssima ponte dos florentinos: “il ponte Santa Trinità”, ainda hoje existente. Não sabemos se Ammanati examinou *in loco* as condições geográficas, que não raro, são decisivas nos sucessos da arquitetura. O seu modelo em madeira chega a Montepulciano, em 1588, e se levantaram dúvidas sôbre sua planta, e de fato, não se deu início, com receio de que a nova construção prejudicasse a fortaleza.

A pedra fundamental só foi lançada em 1593, após a visita do grão-Duque Ferdinando I, a Montepulciano, que incutiu ânimo às autoridades e ao povo (16). Mas Ammanati tinha morrido no ano precedente (1592), sendo suas obras muito criticadas pelos contemporâneos. Não sei se a crítica passou de aldeia em aldeia até Montepulciano, mas o fato é que Guido Nobili, não estava contente com seu projeto para a catedral de Montepulciano. Resolveu porisso consultar outro grande arquiteto de seu tempo: Ippolito Scalza. O grande arquiteto orvietano, que trabalhou cêrca de 50 anos no acabamento do admirável Duomo de sua pátria, vem a Montepulciano, examina o projeto de Ammanati, e depois de tudo ponderar, propõe um nôvo modelo completamente modificado (17). Foi aqui que o Bispo Spinello Benci começou o desacôrdo com Guido de Nobili. Segundo um contemporâneo, o motivo foi que o primeiro projeto de Ammanati importava em 20 mil escudos, enquanto o segundo de Ippolito Scalza, em cêrca de 80 mil (18).

---

(15). — *Ib.* pág. 4.

(16). — *Ib.* pág. 5.

(17). — *Ib.* págs. 6-7.

(18). — Carta a Ser. Madma-set. 1611 (sem nome) — Arquivo do Estado de Florença: Medic. filsa 6047 f. 343.

Mas Guido Nobili, filho da família mais rica de Montepulciano, era então potente (19). Ambos os projetos foram enviados a Florença para serem examinados e julgados. Os 2 arquitetos do Grão-Duque, Buontalenti e Maestro Raffaello, examinaram ambos e reconheceram os defeitos da planta-Ammanati e

“fu approvata en tutto e per tutto la pianta dallo Scalza corretta, come piu osservata piu bella e di manco spesa” (20).

Nobili pôde assim cantar vitória. Com uma carta de três de maio de 1594, o Grão-Duque decidiu que se começasse a construção seguindo o projeto do arquiteto de Orvieto. Afinal, depois de 10 anos de indecisões e de lutas, devia levantar-se realmente a catedral almejada. O Duomo é por conseguinte obra de Ippolito Scalza (21). Este não corrigiu o modelo de Ammanati, mas fez outro completamente novo. Quando veio a Montepulciano, Scalza tinha 61 anos. A catedral de Montepulciano pertence ao último período de sua vida, tendente ao barrôco. É um edifício amplíssimo, severo, majestoso. Tem 66 m. de comprimento por 33 m. de largura. Não apresenta ainda os ornamentos característicos da época barroca. As suas linhas são simples, as pilastras serenas e silenciosas. Nada de movimento ou agilidade. Todos os contornos do edifício dão um aspecto clássico e quinhentista, próprios das obras do grande orvietano (22).

\*

### 3. — AS CONTRIBUIÇÕES.

Resolvido definitivamente, em maio de 1594, o grande problema discrepante entre as autoridades, começou-se sem demora, a excogitar os modos de angariar donativos para a construção. Sendo

---

(19). — “Fatto unico capo e deputato soprintendente della Fabrica, solq libero ed assoluto, volendo che il nuovo Duomo fosse cosa al possibile perfecta” — Citação de arquivo não indicada, apud R. Bonelli *o.c.*, pág. 6.

(20). — Citação de arquivo não indicada, apud R. Bonelli, *o.c.*, pág. 6.

(21). — O escopo do artigo de R. Bonelli se pode resumir nesta pergunta: “A catedral que hoje vemos foi em verdade executada conforme o projeto de Scalza? Ou sofreu ela ulteriores modificações, talvez radicais?” O mesmo responde: “... não podemos hoje afirmar com segurança que a catedral foi realmente executada sobre o modelo de Scalza”. (*o.c.*, págs. 6-7).

(22). — O citado autor com grande utilidade, faz comparações com as outras obras de I. Scalza, em Orvieto: Pal. Clementini, Chiesa della Anunziata — Pal Buzzi — Pal. Comunale. Moroni, G., Dicionário de Erudizione storico-ecclesiastica, vol. 46, Veneza 1847 pág. 233: Diz que Scalza somente a aumentou.

Montepulciano uma cidade essencialmente agrícola, compreende-se que as contribuições deviam provir desta fonte.

a). — *Contribuições em Trigo.*

Neste sentido o livro da fábrica da nova catedral nos fornece notícias variadas (23). Trata-se de um livro bastante interessante. Contém tôdas as vilas do condado de Montepulciano, com tôdas as propriedades (*poderi*) das vilas. São anotados com exatidão os nomes dos possuidores dos terrenos. Além do nome do proprietário, contém o número de bois que possuía para trabalhar, e segundo o número de bois, foi imposta a contribuição em trigo para a fábrica da catedral. Êste arrecadamento foi feito nos anos de 1594-1595 e 1596. Aquêles que tinham um só boi deviam dar meio alqueire de trigo ao ano. Nesta região o alqueire correspondia a dezoito quilogramas. Os que tinham dois bois deviam oferecer um alqueire (*staio*); os que tinham três bois contribuía com 1 1/2 alqueire, e os que tinham duas juntas de bois, com dois alqueires de trigo, e assim por diante sempre na mesma proporção de um alqueire por junta de bois. Também os moinhos, que eram em número de dezesseis, dariam meio alqueire cada um, sem distinção. Os mosteiros dos frades e das monjas e as confrarias cooperariam outrossim na mesma proporção dos bois (24). Ninguém ficaria excluído de concorrer para a glória de sua cidade. Seguindo estas normas, o território de Montepulciano estava então dividido em 437 terrenos e deviam ser arrecadados no fim dos 3 anos 1180 e 1/2 alqueires de trigo, isto é, cêrca de 393 alqueires anualmente. Eis o número de terrenos com sua contribuição.

Repertorio delle ville		Poderi	Staia di grano in 3 anni
Ascianello	f. 2	28	90
Abbadia	f. 9	42	121 e 1/2
Gracciano Vecchio	f. 19	38	129
Nottula	f. 28	17	49 e 1/2
Acquaviva	f. 33	23	90
Fornace	f. 39	10	24

---

(23). — Livro da Fábrica da nova catedral — arquivo episcopal de Montepulciano Duomo-volume II.

(24). — *Ib.* Não é claro aquilo que se observa nos lugares Villa, Serraglio e Villa Nuova onde as contribuições foram triplicadas segundo o número de bois. Muitos destes territórios foram já enumerados em outros lugares. Uma coisa porém podemos ver, nestas três vilas são enumerados os territórios dos nobres e mais ricos de Montepulciano.

Cervognano	f. 42	35	88 e 1/2
Argiano	f. 50	48	159
S. Albino	f. 60	21	69
Mulini	f. 65	sonno 20 (*)	30
S. Benedetto	f. 70	11	42
Valardegna	f. 74	8	9 e 1/2
Caggiolo	f. 77	17	31 e 1/2
Strada	f. 81	8	25 e 1/2
Fognano	f. 84	6	24
Ciarliana	f. 86	15	40 e 1/2
Villa et Serraglio	f. 91	21	54
Villa Nuova	f. 94	29	103
	— — —	437	1180 e 1/2

(\*). — No livro são enumerados somente 16 moinhos.

b). — *Contribuições em Dinheiro.*

As contribuições em dinheiro porém, já tinham começado em 1586 e 1587, quando Spinello reconheceu que não podia fazer tudo sozinho, e foram nomeados superintendentes Guido Nobili e Jerônimo Belarmino.

O primeiro a abrir o livro das contribuições pecuniárias foi o próprio Bispo, que prometia dar cem escudos ao ano, desde setembro de 1586 (25). Teria sido esta a maior contribuição. As maiores contribuições foram depois as seguintes: Abade Guido Nobili, 25 escudos, (9 de março de 1587); Abade Jerônimo Belarmini, 20 escudos (9 de março de 1587); Capítulo da catedral, 10 alqueires de trigo (9 de março de 1587); Rev. Domênico Danesi, 4 escudos; Arcipreste Sinolfo Benci, 4 escudos; Rev. Cósimo Danese, preposto, 10 dinheiros; Nicolò Belarmini, arcediogo, 10 libras (26). Seguem as contribuições menores de cada cônego, do clero, das fraternidades, das igrejas, das companhias leigas e finalmente dos leigos nobres e plebeus. A Companhia da Misericórdia da Veste Negra, uma das mais ricas, com 10 escudos (27); Mário Ruschini deixou, em testamento, uma casa para a fábrica da catedral (28). Este livro, escrito sempre pela mesma mão, parece que foi feito com Catálogo das famílias de

(25). — Livro da Rev. Fábrica da nova catedral. Arquivo episcopal de Montepulciano, Duomo Vol. III, f. 2v.

(26). — *Ib.* ff. 3v-7v. contribuições citadas.

(27). — *Ib.* f. 32v.

(28). — *Ib.* f. 264v.



Montepulciano, e depois foi pedida a contribuição e a subscrição. Mas neste livro poucas famílias subscreveram, usando-se para esta finalidade um outro livro.

\*

#### 4. — DESACÔRDO COM SPINELLO.

Dissemos acima que a contribuição de Spinello teria sido a maior, mas na realidade, êle não solveu a soma que prometera. Já vimos como, em 1593, Spinello se incompatibilizara com Guido Nobili, por ter êste rejeitado a planta do arquiteto florentino e ter preferido aquella de Ippolito Scalza, que mandara vir de Orvieto. Porém temos fundamento para afirmar que o desacôrdo entre ambos começou já em 1586, quando Spinello rejeitou a direção da fábrica. Pois segundo o livro do Rev. Fábrica da Catedral, Spinello se comprometia a dar, enquanto fôsse bispo e vivesse, uma quantia anual de 100 escudos, a partir de 1586. Devia dar cada ano uma parte em setembro e outra em março. O bispo subscreveu de mão própria o seu compromisso (29). Mas Spinello desde o dia da subscrição, não pagou um escudo sequer, de sorte que à sua morte (10 de novembro de 1596), dez anos após, o débito importava em mil escudos. Depois da morte do bispo, Guido Nobili começa um processo contra seus herdeiros. E' provável que mesmo já antes de sua morte, tenha começado o processo, e êle, desgostoso com sua pátria, partiu para a França (30). Dêste processo restou-nos apenas um último documento, que recapitula os litígios anteriores (31).

Em 1595-1596, Guido Nobili indignado e desejoso de alcançar a vultosa soma de mil escudos, levanta o processo contra os dois irmãos, Spinello e Marcello Benci, herdeiros do primeiro bispo. O processo foi iniciado junto ao Núncio Apostólico de Florença. A nunciatura pronunciou a sentença contra os herdeiros de Spinello

---

(29). — *Ib.* f. 2v. — “Mons. As. Benci — 1º vescovo di Montepulciano deve dare alla Rev. Fabrica del Duomo nuovo ogn’anno fin che sarà fornita, o. S.S. R.ma viverà e sarà vescovo scudi 100 di moneta da incominciarsi il 1º anno principio del mese settembre 1586 et seguitarsi di lungo et la metà, et al principio di Marzo seguente l’al tra metà, sicome per sottoscrizione... (Firma autogr.) Ita est Spinell. Benc.s Episcopus Pol.s manu propria.

(30). — Lettera alla Mad.ma set- 1611 A. St. Fir. Medic. Filsa 6047 f. 343: asserisce “Questa lite principio sedici anni sono e ancora continua”, isto é, em 1595.

(31). — Carta de Francisco Pegna, procurador da Rota, a Cosimo II, ao bispo de Montepulciano, aos arcebispos e bispos vizinhos. Arquivo epis. de M. pergaminho com sigilo de cêra — 11 de maio de 1612.

Benci, ordenando que o dinheiro outrora prometido pelo bispo defunto devia ser pago por êles.

Êstes porém, apelaram para à Sé Apostólica, a qual anulou a sentença do tribunal florentino, e pronunciou outra sentença em favor dos irmãos Benci. Êstes procuraram depois entrar em acôrdo com o ecônomo da cathedral, mas êste movido por paixões pessoais contra os Benci (32), leva o processo a *Sacra Rota Romana*, em 1604. Nomeia seu procurador em Roma, Pedro Bandoccio, junto ao Pontífice Paulo V. A causa foi confiada a Francisco Pègna, ouvidor do Palácio Apostólico, e procurador da Rota. Êste revisou todos os Atos do processo, e, constatando a presença do procurador de Guido Nobili e a ausência dos irmãos Benci, pronuncia contra êsses a sentença.

Com Letras Apostólicas, de 11 de maio de 1612, destinadas a Cósimo II, ao bispo de Montepulciano, e aos arcebispos e bispos vizinhos, ordena a todos que providenciem sob penas eclesiásticas, a prisão de Spinello Benci e que não seja posto em liberdade, até que não tenha pago a soma de mil escudos, que devia o bispo defunto. Porém o herdeiro Spinello Benci escapou provavelmente a tais penas, pois seguiu para a França, em companhia de seu patrão, o cardeal Gonzaga, pelos fins de 1611 (33).

Em 16 anos de processos e litígios, como já observou um contemporâneo anônimo, gastou-se mais dinheiro do que aquêle que valia a própria causa. Fruto de paixões e rixas entre famílias nobres (34). Se, em vez de cuidar de processos e intrigas, tivessem empregado todo o dinheiro na fábrica da Cathedral, talvez não se tivesse levado 20 anos, para se construir sòmente a nave esquerda, que em 1816, foi fechada e inaugurada.

\*

## 5. — O ANDAMENTO DOS TRABALHOS.

Em 1597, Luca Felicelli, testemunha do processo eletivo do bispo Sinolfo Benci, dá-nos notícia de que já se erguiam 4 capelas. Primeiro foi construída a nave esquerda. Também sabemos que desde o início foi resolvido que o campanário, construído há apenas um

---

(32). — Arquivo de Est. de Florença, Mediceo: filsa 6047 f. 343: "detti Benci hanno procurato piu volte d'acordarsi con honesto partito, nemai gli stato permesso dal S.r Guido per passioni private sue contro detti Benci come n'e appieno informato Mons. Arcivescovo de Pisa" (Sal. Tarugi).

(33). — *Ib.*

(34). — *Ib.*

século, servisse para a nova Catedral (35), coisa que provávelmente já foi prevista pelo arquiteto Scalza. Os trabalhos todavia prosseguiram com muita lentidão. A principal fonte de renda era aquela anual de trigo. Em 1608, os cônegos escrevem ao Cardeal Belarmino, pedindo que os isentasse da contribuição anual. Belarmino responde que a contribuição de um alqueire, segundo o que se colhia, era pouco e que êles deviam dar o exemplo ao povo, submetido também a êste pêso e assim induzir também a esta obrigação, os bispos, quer passado, quer atual (36). Evidentemente Roberto Belarmino refere-se a Spinello Benci e ao Cardeal Ubaldini, que neste tempo era bispo de Montepulciano, mas achava-se em França como Núncio, e nunca tinha estado na diocese.

Quando a Grã-Duquesa, Cristina de Lorena, sob a qual estava então Montepulciano, visitou a cidade em 1612, estava terminado o esqueleto ou sejam as pilastras da nave esquerda e deu ordem para que fôsse feito um muro de meio braço entre as pilastras, tal como vemos hoje em dia. Mandou também que terminada esta nave, se tomassem providências para que fôsem fechadas e se comesçassem a celebrar nela os officios divinos. Desta maneira, podia-se demolir pouco a pouco o duomo antigo e com seu material continuar a nova construção (37). Cêrca de 1667, foi completada a destruição da antiqüíssima igreja Matriz (pieve) de Montepulciano (38). A Grã-Duquesa confirmava ainda Guido Nobili ecônomo e superintendente da fábrica, e permitiu que escolhesse dois ministros para auxiliá-lo. Traçava também normas para cobrar as taxas e contribuições afim de que os trabalhos não ficassem paralizados (39).

\*

---

(35). — Arq. Cap. de Montepulciano processus Sinolfo Benci ff. 19v., 30v. 31v.

(36). — Belarmino al Cap. di Montepulciano, Roma 2 de fevereiro de 1608 Bachelet — Tromp. III, 736: Coleção de cartas inéditas de Roberto Belarmino em mãos de Tromp. S. J. UNIVERSIDADE GREGORIANA.

(37). — Motuproprio di Mad.ma Cristina Principessa di Lorena e G. Duchessa di Toscana. Dato in M. 13 de ot. 1612 — “Approviamo che la navata finita si riduca a perfezione, facendosi muro di mezzo braccio fra pilastro e pilastro conforme quello che si à risoluto sul luogo e si cominci nella detta navata a celebrare i divini uffizi qto. prima”. A. Parigi *o.c.* pág. 92 e Benc. — Pal. pág. 274.

(38). — R. Bonelli *o.c.*, pág. 6.

(39). — Motuproprio di Mad. Cristina di Lorena. V. nota 37.

## 6. — OBRA DE UM SÉCULO.

No decorrer do presente estudo, tive ocasião de encontrar nas fontes não poucas notícias sôbre a Catedral, e desejo aqui completar a história da sua construção.

Os trabalhos de aperfeiçoamento da mencionada nave duraram ainda 4 anos. Aos 28 e 29 de agosto de 1616 foi solenemente inaugurada esta parte acabada. Foi organizado um programa de solenidades. Achando-se neste tempo a Diocese sem Pastor, foi convidado para tal cerimônia o Bispo da cidade vizinha, Pienza, Mons. Gioia Dracomani, o qual, no domingo 28 de agosto, véspera do padroeiro da Catedral, deu a bênção ao edifício e celebrou nele a primeira missa, rezada com muito concurso de povo. A alegria preparada e aguardada desde tantos anos, devia agora explodir. Foi uma manhã festiva para Montepulciano. Bimbalharam os sinos e soltaram-se tiros de morteiros. À tarde cantaram-se vésperas pontificais, após o que, o Bispo conferiu o Sacramento da Crisma. O SSmo. Sacramento foi trazido com grande solenidade. O clero secular, os frades e as companhias leigas da cidade tomaram o SSmo. Sacramento da Capela das monjas de São Jerônimo (para onde tinha sido levado do Duomo antigo), e fizeram procissão através da cidade, para introduzi-lo com grande pompa pela primeira vez, na referida nave (40). Os filhos de Montepulciano manifestaram seu júbilo ornando as ruas e as janelas, por onde deveria passar o cortêjo.

No dia seguinte, festa litúrgica da degolação de São João Batista, o Bispo de Pienza cantou missa pontifical. Também a parte espiritual não tinha sido negligenciada. Celebraram-se aí muitas missas, com grande número de comunhões para ganhar a indulgência plenária, que no dia anterior tinha sido anunciada ao público (41). Paulo V com Breve de 27 de junho de 1616, concedia indulgência plenária a todos que, confessando e comungando, visitassem a nova igreja no dia da Assunção e da Degolação de São João Batista (42).

Passadas que foram as festas, augurou-se que brevemente se acabasse o restante da catedral (43). Mas deviam se passar dezenas de anos. Em seu relatório de 1618, o Cardeal Ubaldini refere que depois de inaugurada esta parte, foram transportados para aí os altares, as cadeiras do côro e começaram-se a celebrar nela os ofícios divinos.

---

(40). — Livro da Rev. Fabrica da nova igreja catedral. Arq. Ep. de M. Duomo Vol. 3, f. 266.

(41). — *Ib.*

(42). — Arq. Ep. de M. Vis. Pas. V. V. f. 22.

(43). — Livro da Rev. Fábrica da nova igreja catedral, 1.c.

As capelas laterais da nave terminada foram dadas a famílias particulares, com permissão da Grã-Duquesa de Toscana (44). Naturalmente estas famílias para honra de seu nome, rivalizavam entre si e arcavam com as despesas na ornamentação de sua capela. Tôdas as cinco capelas foram concedidas a famílias da cidade. A primeira capela da nave, a começar pela porta, foi comprada pela família Belarmino, aos 17 de outubro de 1616. A família já possuía um altar no antigo Duomo. Tomás, irmão do Cardeal Belarmino, em sociedade com Gaspar e Mário De Marcello Belarmino, deram 209 escudos por esta capela, com obrigação de ornamentá-la (45). Naturalmente Tomás Belarmino aguardava a munificência de seu irmão cardeal. Em dezembro de 1616 Roberto Belarmino já tinha dado para êsse fim 100 escudos, e calculava que para findá-la seriam necessários cerca de 500 escudos (46). Roberto Belarmino enviou um quadro de São Tomé, Apóstolo, no ano seguinte, para ser colocado sôbre o altar.

Mandou também um crucifixo, candelabros e dois pequenos véus. Escrevia depois ao Capítulo que, se Deus lhe desse vida, desejava ornar a capela e dar entrada suficiente para um capelão (47).

A capela Belarmino foi ainda enriquecida com indulgência. O privilégio da indulgência plenária concedido por Gregório XIII (48), ao altar de São Pedro ad Vincula da antiga catedral, foi transferido para o altar desta família. Em 1617, conseguiu o Cardeal Belarmino, junto a Paulo V (49), a pedido dos cônegos de Montepulciano. Êle mesmo mandou fazer uma lápide com a inscrição do privilégio, para ser afixada no muro da capela (50), a fim de que não se perdesse a memória, ainda que se perdesse o Breve, como perderam aquêle de Gregório XIII (51). Recomenda por isso que se coloque o Breve entre os documentos da Catedral.

---

(44). — Motuproprio de Mad. Cristina. V. nota 37.

(45). — Livro da Rev. Fábrica da nova igreja catedral. V. 3. f. 268.

(46). — Belarmino a Anna Strozzi e Maria Belarmino. Roma 16 de dez de 1616 (Bach, Tromp. VI, 1782).

(47). — Belarmino ao Cap. de M. — Roma 3 de junho de 1617 — *Ib.* VI, 1867.

(48). — Breve de 24 de julho de 1576, Greg. XIII. Arq. Cap. de Montepulciano, Busta XIX. Notícia do índice antigo.

(49). — Breve de 6 de maio de 1617 — Paulo V — *Ib.*

(50). — Belarmino ao Cap. de M. carta citada.

(51). — Êste privilégio encontra-se hoje no altar da Madona de São Marinho, onde recorda os acontecimentos a seguinte inscrição:

D. O. M.

Altare Privilegiatum perpetuum  
Quod Gregor. XIII papa concesserat  
Sacello S. Petri ad Vincula

A segunda capela foi concedida aos 30 de setembro de 1605, a Mad. Saula Segni pelo preço de 200 escudos, para honrar a família da Santa policiana (52). A terceira capela concedeu-se a Marc'Antonio Cagnoni e ao seu irmão, que pagam por ela 214 escudos com obrigação de adorná-la (53). A família Matioli adquiriu a quarta capela, dando por ela, à fábrica da igreja 100 escudos (54). Fábio e Francisco Belarmino deram 250 escudos pela quinta e última capela lateral contígua à Madona de São Martinho (55). A capela da futura nave transversal (*crociera*) foi reservada à miraculosa Madona de São Martinho trasladada de sua capela fora da cidade para este lugar, em 1617. Neste mesmo ano, Paulo V concedeu indulgência de 100 dias a quem assistisse a ladainha da SSma. Virgem que se cantava todos os domingos nesse altar (56). Desde então a Madona de São Martinho passou a ser o altar predileto da catedral, e aí se realizavam de preferência as solenidades matrimoniais.

Com o método de conceder as capelas às famílias particulares, recolheu-se entre 1604 e 1616, a soma de quase mil escudos. Mas o que era isso para a enorme catedral que se projetava? Sòmente a terceira parte estava pronta. Como dissemos acima, a antiga catedral era menor do que São Francisco, e S. Tarugi em 1601, queixa-se, que ela não era suficiente para o seu povo,

*pro populi magnitudine mimis angusta* (57).

Na segunda metade do século XVII, reconheceu-se que a obra começada fôra grande demais para as forças de seus concidadãos:

---

Supplicante Aurelio Nobili Abbate  
Eversa postea Veteri Ecclesia  
Et nova exaedificari coepta  
Paulus pp. V iterum concessit  
Sacello S. Thomae Apostoli  
Supplicante Beato Belarmino  
Titul. S. Mariae in Via SRE Presbit. Card.  
Anno Dom. MDCXVII  
Demum Pius VII P. M.  
Precibus Peregrini Carletti epi.  
Ad hanc BMV aram  
Transferri Indulsit  
A. D. MDCCCVIII.

(52). — Livro da nova fab. da igreja cat. Duomo 3 f. 261v.

(53). — *Ib.* f. 267v. 4 ot. 1616.

(54). — *Ib.* f. 261v. 4 nov. 1604.

(55). — *Ib.* f. 262v. 16 ag. 1616.

(56). — Breve 13 de maio de 1617. Arq. Cap. de M. Busta 19, índice antigo dos documentos.

(57). — Arq. da Sagrada Congregação do Concílio. Rel. de 1601.

*a generosis civibus inchoatum, ut eorum vires longe superaret*  
(58)

e correspondia mais à alma generosa dos policianos do que aos seus recursos financeiros.

“forma multo ampioris ac nobilioris et potius generositate, quam viribus accomodata” (59).

E' o Bispo Antonio Cervini que no-lo confirma:

Depois da inauguração da nave esquerda em 1616, os trabalhos prosseguiram ainda mais lentamente, e por algum tempo ficaram paralisados. O relatório de 1618 diz que as esmolas e os réditos eram poucos. No episcopado de A. della Stufa trabalhava-se certo tempo com afã, e em 1636 muito lentamente (60).

Mas eis que surgiu um grande impedimento. De há muito tempo urgia a construção do palácio episcopal. Os bispos habitavam ainda na pequena casa, vizinha à antiga igreja matriz, e já teria sido também destruída, se estes não se tivessem oposto (61). Por isso T. Talenti (1640-1651) concentrou todos os esforços na construção do palácio episcopal e da nova sacristia.

Ficaram assim paradas as obras da catedral cêrca de 25 anos, pois os rendimentos eram usados para esta outra necessidade mais urgente (62). No episcopado seguinte, Marcello Cervini (1652-1663), foi terminada a casa episcopal e por esta razão, só por volta de 1665 retomou-se novamente a construção da catedral. Neste mesmo tempo, Antônio Cervini restabeleceu o antigo costume, a saber: todos que colhessem mais de 100 alqueires de trigo, dessem um alqueire para a catedral. O clero também começou a contribuir novamente como no tempo de São Roberto Belarmino. Assim o bispo Antônio Cervini (1663-1706) pode dar o último impulso para conduzi-la ao fim (63) e chegou-se ao acabamento das três naves.

Aos 9 de junho de 1680, festa de Pentecostes, pôde Antônio Cervini inaugurá-la, celebrando nela o primeiro pontifical,

---

(58). — Arq. da Sag. Cong. do Concilio. Rel. do Bispo Antonio Cervini, 24 de nov. de 1670.

(59). — *Ib.*: Rel. de abril de 1682.

(60). — *Ib.*: Relatórios de 1626 e 1636.

(61). — *Ib.*: relatório de 1618.

(62). — Arq. Sec. Vatic. Proc. Dat. vol. 19 f. 576v. e 577 (1640)...

(63). — Arq. da Sag Congreg. do Concilio Rel. de 24 de nov. de 1670 e de abril de 1682.

“con l'intervento della Signoria Nobilità e concorso di molto popolo et doppo intonato il Te Deum in rendimento di grazie a S. D. M. con giubilo universale di tutti, con sparo di canone e suono di tutte le campane...” (64).

Sem dúvida com grande satisfação Montepulciano podia cantar o *Te Deum*, pois já se aproximava o centenário, desde que deram início a êste grande empreendimento. Para a sua realização cooperaram todos: desde o clero até o último colono. Até ali tinham sido gastos 50 mil escudos (65). Foi uma vitória que se venceu no espaço de 3 ou 4 gerações. Montepulciano surgiu com nôvo entusiasmo. O comandante da milícia ofereceu então à Catedral um cálice de ouro, no valor de 500 escudos. Foi consagrada aos 19 de junho de 1710. Mas para a catedral apresentar-se como um grande monumento, faltava ainda uma imponente fachada e essa falta até o dia de hoje... Várias tentativas já foram feitas para reiniciá-la. Ficará eternamente incompleta? Deixo a resposta aos meus caros amigos de Montepulciano, que na Toscana é chamada *La perla del cinquecento*. E para finalizar transcrevemos as palavras que o bispo Antônio Cervini escreveu à Santa Sé, após o acabamento da catedral (66). Recapitula êle brevemente um século de história e nô-la apresenta no estado em que se encontrava.

“Centesimus pene voluitur annus ex quo novum templum cathedrale, vetere ob angustiam et vetustatem diruto, reaedicari coeptum est forma multo amplioris ac nobilioris, et potius Civium generositati, quam viribus accomodata et congruentis, ex quo tertia nondum parte perfecta brevi tempore necesse fuit ab ulteriori aedificio desistere, deficientibus viribus ac sumptus requisitis, dictaque tamen parte per multum tempus uti ad Divinum Cultum. Initio tamen episcopatus mei (favente Deo) resumptum est opus, et multa deinde prosequuntur impensa, ita ut anno praeterito, tota Aedes Sacra Divinis aptari potuerit officiis ad hoc omnino absoluta, deficientibus tamen structuris exterioribus, quae ad nobilitatem ascensus et prospectus faciei juxta modulos adhuc requiruntur, et aliquibus aris sacellorum. Ceterum sacella quae sunt quatuordecim, ultra maximum, variis sunt omnia Dominis destinata, et ex eis quatuor usque adhuc ornata alta-

---

(64). — Deliberações do Cap.: Arq. Cap. de M. Livro 1661-1693 f. 107.

(65). — Rel. do ano 1682: Cálculo em 50 mil escudos, do Bispo Antonio Cervini. Ao invés, segundo um manuscrito do Arq. de M. “Ricordi”, cujo autor teria feito as contas pelos livros da Fábrica da Catedral, gastou-se a considerável soma de 72 mil escudos.

(66). — Relatório de abril de 1682 do Bispo Antonio Cervini.



ribus versicolore secto marmore compositis, et alia quatuor itidem breve ornabuntur. Totius aedificii sumtus ad circiter quinquaginta millia aculorum ascendit, non comprahensis altarium expensis, quarum onus ad illorum Dominus spectat. Templi non mediocris Magnificencia pro loci qualitate concursum ad devotionem populi non parum excitavit, ita ut Castrorum eriam Praefectus Martinellus, quamvis alienigena calicem aureum et lampadem argenteam donaverit valoris circiter scutorum quingentorum praeter fundum ad ipsam lampadem perpetuo accendenda. Atque alia parantur ad Dei gloriam et cultum in dies agendum" (Rel. 1682).